

## *A governança da Misericórdia de Coimbra em finais de Antigo Regime*

Maria Antónia Lopes

Universidade de Coimbra

O governo das misericórdias balanceava sempre entre duas lógicas principais: a empresarial que as incitava a atrair recursos e a rentabilizá-los e a lógica da caridade que implicava a dádiva. O ponto de equilíbrio entre essas duas lógicas e as estratégias adoptadas é que variavam.

Em finais do Antigo regime a Misericórdia de Coimbra gastava muito pouco em despesas ostentosas, canalizando para a assistência física dos pobres o grosso dos seus dispêndios. O discurso da caridade tem, pois, aqui, consequências práticas. Quanto às receitas, os dirigentes desta confraria preocuparam-se em aumentar o seu património e em rentabilizá-lo, recorrendo preferencialmente à actividade creditícia, como em tantas outras Santas Casas. Mas além deste mecanismo financeiro, gostaria de salientar outra das suas estratégias: o investimento em capital humano. Em Coimbra a nobreza não era importante, nem em grandeza nem em quantidade, mas era aí que funcionava a instituição produtora das competências imprescindíveis ao funcionamento do aparelho do Estado. E a Misericórdia de Coimbra não desperdiçou a presença desses homens detentores dos conhecimentos técnicos e/ou de poder de influência. Os académicos e os altos funcionários de Estado que viviam ou tinham vivido em Coimbra serão, sempre que possível, utilizados na defesa dos interesses da Misericórdia.